



**ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA**  
INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO

**CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA  
BIOLOGIA E CONTROLO DA**

*Prays oleae* Bern.

**NA REGIÃO DE CASTELO BRANCO**

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Relatório do Trabalho de Fim de Curso

LEONOR MARQUES MARQUES

CASTELO BRANCO

1987

# Í N D I C E

	PÁG.
Agradecimentos	
Introdução.....	1
I Capítulo - Aspectos Gerais.....	3
1 - Breve nota histórica.....	3
2 - Posição sistemática.....	4
3 - Sinonímia e nomes vulgares.....	4
4 - Distribuição geográfica.....	6
5 - Hospedeiros.....	7
6 - Caracterização morfológica dos vários estados de desenvolvimento.....	8
6.1 - Ovo.....	8
6.2 - Larva.....	10
6.3 - Crisálida.....	14
6.4 - Adulto.....	16
II Capítulo - Bioecologia.....	26
1 - Ciclo biológico.....	26
2 - Ciclo de vida.....	38
2.1 - Desenvolvimento embrionário.....	39
2.2 - Desenvolvimento pós-embrionário.....	39
2.2.1 - Distribuição das posturas sobre a árvore..	41
3 - Factores de regulação das populações de <u>Prays oleae</u> .	42
3.1 - Factores climáticos.....	42
3.2 - Alimentação.....	46
3.3 - Relações praga-hospedeiro.....	48
3.4 - Competição.....	49
3.5 - Predadores.....	50
3.6 - Parasitas.....	51
III Capítulo - Natureza e importância dos estragos.....	58

IV Capítulo - Trabalho de Campo.....	63
4.1 - Determinação da curva de vôo da <u>Prays oleae</u> Bern., desde o aparecimento dos gomos florais da oliveira (estado fenológico C) até ao vin- gamento dos frutos.....	63
4.2 - Cálculo e quantificação dos prejuízos da <u>Prays</u> <u>oleae</u> .....	73
4.3 - Conclusões.....	97
V Capítulo - Meios de luta.....	98
Bibliografia.....	102
Anexos.....	112

## I N T R O D U Ç Ã O

São inúmeros os problemas que atingem a Olivicultura moderna, sendo os mais graves a dificuldade de mecanização da colheita, a idade avançada da maioria dos olivais dotados de técnicas de instalação completamente ultrapassadas e constituídos por variedades com fraco interesse comercial, que fazem com que se encare esta cultura com os cuidados que ela efectivamente merece.

Como em toda a parte, o custo de produção do azeite subiu bastante e, conseqüentemente, deixou de poder suportar a concorrência das oleaginosas anuais. Isto teve como resultado a substituição em grande escala do azeite por outros óleos, provocando uma mudança profunda nos hábitos alimentares, de tal modo que o azeite não é mais a gordura alimentar predominante nos hábitos da população portuguesa; hoje o seu uso limita-se a alguns pratos tradicionais, saladas e pouco mais.

Tal estado de coisas, agravado por políticas de preço e qualidade, conduziu ao abandono de plantações marginais e mesmo ao arranque de numerosos olivais.

Mau grado estes problemas, a oliveira mantém entre nós, um lugar importante, quer pela área que ocupa (23% da superfície cultivada do país), quer pela nossa localização (o Mediterrâneo é a zona oleícola por excelência - cerca de 98% dos olivais), ocupando Portugal o 7<sup>o</sup> lugar mundial como produtor de azeite (CRUZ, 1982).

Acreditamos na necessidade urgente duma reconversão profunda dos olivais, no sentido de uma intensificação que leve a considerar a oliveira como uma verdadeira árvore de fruto, aplicando-lhe todos os avanços da técnica conseguidos em fruticultura. Como complemento a uma adaptação total ou parcial a este modelo, haverá

que considerar os cuidados fitossanitários quanto à incidência relativa e comportamento das pragas.

Quando em Setembro, as oliveiras têm enorme queda de frutos ainda verdes, é aparentemente fácil para o lavrador encontrar uma explicação. Atribui-se então a queda da azeitona à seca prolongada ou a calores intensos, aos ataques da mosca (Dacus oleae Gmel.) ou ainda à própria maneira de vegetar da oliveira - se a azeitona cai é porque a árvore não tem reservas nutritivas necessárias para as manter.

Na Primavera, por outro lado, se a floração corre mal e as corolas ficam acumuladas sobre a árvore em grandes massas castanhas ligadas por teias, também o lavrador - desesperado com a má alimpa - atribui a causas meteorológicas ou a outras o insucesso verificado. Culpa então os nevoeiros ou as chuvas, a falta de vento ou a carga excessiva.

Na grande maioria dos casos, porém, o lavrador está completamente enganado. As causas destes estragos podem ser quase sempre atribuídas às lagartas da Traça-da-Azeitona - Prays oleae Bern., a qual passa toda a sua vida sobre estas árvores.

Este relatório de trabalho de fim de curso foi orientado no sentido de contribuir para um melhor conhecimento do ciclo biológico da Traça-da-Azeitona na Região de Castelo Branco e no modo de a controlar, dado ser uma zona onde a incidência da praga é bastante acentuada.

Num ano de forte densidade populacional do insecto, a destruição pode afectar praticamente o conjunto da floração.

Por todas estas razões e pela importância que a Olivicultura representa para o país e, da necessidade urgente de ser cada vez mais incentivada e protegida, resolvemos escolher a Traça-da-Azeitona como objecto do nosso estudo.